



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## LITURGIA E CULTO NO PRIMEIRO SÉCULO DA IGREJA CRISTÃ

---

*Liturgy and cult in the first century of the Christian Church*

*Paulo Jonas dos Santos Júnior  
Felipe de Oliveira Rangel  
Magno Lessa do Espírito Santo  
Clodoaldo Sanches Fófano  
Edeson dos Anjos Silva*

### **RESUMO:**

O presente trabalho objetiva analisar a prática litúrgica da Igreja Neotestamentária, levando em consideração a necessidade que os cristãos tiveram de se reunirem como afirmação da crença que possuíam. Tais escritos estão presentes Novo Testamento, principalmente, nas cartas paulinas. Assim, nas reuniões, já na gênese do cristianismo, os cristãos buscaram elaborar confissões de fé, hinos, doxologias, bênçãos e aclamações de oração, ditas no ambiente de culto como lembrança da missão de Cristo, exaltando a morte de Cruz como evento salvífico. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo. Por fim, vale destacar que a vida em comunidade da cristandade primitiva era marcada por desacordos e dissensões, entretanto, os cristãos neotestamentários buscaram seguir o exemplo prático de Cristo, conforme registrado no hino cristológico de Filipenses que faz apelo para uma vida em comunhão de maneira que os membros visualizam em Cristo a entrega em prol do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liturgia. Igreja Neotestamentária. Cristãos.

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the liturgical practice of the New Testament Church, taking into account the need that Christians had to gather as an affirmation of their belief. Such writings are present in the New Testament, especially in the Pauline letters. Thus, in the meetings, already in the genesis of Christianity, Christians sought to elaborate confessions of faith, hymns, doxologies, blessings and acclamations of prayer, spoken in the atmosphere of worship as a remembrance of the mission of Christ, extolling the death of the Cross as a salvific event. This research is of qualitative bibliographical nature, considering the contributions of theorists whose works are pertinent to the focus of this study. Finally, it is worth pointing out that the community life of primitive Christendom was marked by disagreements and dissensions; however, New Testament Christians sought to follow the practical example of Christ, as recorded in the Christological hymn of Philippians which calls for a life in communion in a manner that the members visualize in Christ the surrender in favor of the other.

**KEYWORDS:** Liturgy. New Testament Church. Christians.

\*\*\*

## Considerações Iniciais

O Novo Testamento, principalmente as cartas paulinas, apresenta a necessidade que os cristãos tiveram de se reunirem. Em suas reuniões, já na gênese do cristianismo, buscaram elaborar confissões de fé, hinos, doxologias, bênçãos e aclamações de oração, ditas no ambiente de culto como lembrança da missão de Cristo, exaltando a morte de Cruz como evento salvífico. Ademais, as elaborações litúrgicas do cristianismo neotestamentário, serviam como afirmação da crença desses cristãos.

A oficialização do cristianismo, enquanto uma religião lícita, após o Édito de Milão em 313, proporcionou aos cristãos a liberdade de culto e de reunião. A partir das epístolas, do livro de Atos e de achados arqueológicos<sup>1</sup>, compreendeu-se que desde muito cedo, os cristãos já se reuniam em casas de convertidos com a finalidade cúltica. A teologia da igreja pode ser encontrada nas confissões de fé. Além de afirmar a suas convicções, havia a expectativa de que Cristo voltaria ainda naqueles dias. Reunir-se era a forma de manter a comunidade unida e alimentando a expectativa da *parusia*.

Busca-se, neste artigo, uma visão analítica da prática litúrgica da Igreja Neotestamentária, a fim de responder a seguinte questão-problema: De que maneira os cristãos desenvolviam o ato do culto e os elementos litúrgicos que estavam presentes na Igreja do Novo Testamento? Para tanto, cumpre apresentar, a priori, o significado da palavra litúrgica e a sua relação com o culto neotestamentário. Após, cabe discutir a prática do culto propriamente dito, tomando por base o texto de Atos 2. 42-47 e por fim, apontar os principais elementos litúrgicos usados pelos cristãos.

Compreender a liturgia da igreja primitiva, como vê no Novo Testamento, possibilitará ao leitor entender, ainda que, objetivamente, a crença dos primeiros cristãos, já que a liturgia neotestamentária não está desvinculada da crença que eles alimentavam, pois as confissões de fé, credos e hinos tinham em seu escopo a exaltação da pessoa de Cristo e serviam, sendo dita em ambientes cúlticos, para nutrir a comunhão entre os participantes.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica de base qualitativa, de forma que se buscou fundamentação teoria para alcançar os objetivos propostos em autores como: Crossan e Reed, (2007), Cullmann (2008), Dunn (2008), Ellis (2008), Hurtado (2011), Jeremias (2008), Meeks (2011), Wu (2008).

## Aspectos gerais sobre a liturgia e a sua relação com o culto neotestamentário

A palavra Liturgia provém do latim *liturgiã*, que se designa, grosso modo, como “serviço” e tem seu cerne oriundo do grego *leitourgía*, vocábulo referente a uma função no serviço público, uma atividade<sup>2</sup>. Isso, inicialmente nos remete a origem e a essência da liturgia, que é a prestação

---

<sup>1</sup> CROSSAN, John Dominic. REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>2</sup> MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/liturgia/>. Acesso em 05 de Outubro de 2018.

de um serviço a alguém, o que não nos causa espanto quando entendemos a etimologia da palavra “culto” que se relaciona, dentre as demais traduções, a ofício, atividade e trabalho.

Tal correlação acima disposta nos faz entender a ligação íntima, historicamente constatada entre a realização dos cultos religiosos a um rito previamente definido e estipulado, como forma de se normatizar o “serviço” dessa oferenda à divindade. Sendo assim, cabe salientar que o culto cristão não foge a essa regra, porém ele foi mais desenvolvido posteriormente ao período apostólico, sendo uma característica da era patrística eclesiástica, por volta dos séculos II e III, principalmente posterior à conversão de Constantino, imperador do Ocidente, ao cristianismo. Com tal ato ocorrido em 312 a.C., uma série de legislações, como também de permissões, concessões e autorizações foram expedidas em favor da Igreja.

O Edito de Milão, signatado em conjunção com o imperador Licínio, tetrarca do Oriente, no ano de 313 a.C.<sup>3</sup>, garantiu aos seguidores da fé cristã plenas liberdades religiosas e concedendo a carta de autorização do império para sua prática. Em 380 a.C., o cristianismo ganhou o *status* de “religião oficial do Império”, pelas mãos do Imperador Teodósio I, através do decreto “*Cunctos populos*”, que não só a reconhecia como oficial, mas jogava à marginalidade legal as demais religiões divergentes ao evangelho pregado em Roma, criando assim a chamada *Cristandade*, uma inter-relação entre Igreja e Estado<sup>4</sup>.

A afirmação de que a construção e implantação da ritualística cristã ser oriunda do período dos chamados “pais da igreja” pode ser constatado em diversos fatores:

→ O fato do Cristo não coabitar fisicamente com os seguidores de “O Caminho” após a sua fundação, como também de o mesmo não deixar nenhum escrito concernente ao assunto, gera uma dúvida de entendimento de como se deveria proceder a um culto cristão, seguindo os ritos judaicos ou a incorporação de práticas gentílicas, como em algumas igrejas eram manifestas, ou até mesmo uma prática nova;

→ A crença na “iminência urgente e presente” do retorno de Jesus os faziam despreocupados de questões materiais e terrenas, fazendo-os expandir rapidamente o evangelho, sem a preocupação de normas, regras e conceitos e com despreendimento total para a realização das missões;

→ Os primeiros cristãos não dispunham de “templos” para realização de seus cultos, fato esse que pressupõe a implantação de uma forma de condução litúrgica, sendo que os mesmos reuniam-se em casas ou pequenos cenáculos, tendo sido constatado os primeiros templos de dedicação cristã por volta do século IV, com a doação do Palácio Laterano ao papa Milcíades que a transformou na primeira basílica do cristianismo, denominada Arquibasílica de São João de Latrão (*Archibasilica Sanctissimi Salvatoris et Sanctorum Iohannes Baptista et Evangelista in Laterano*).

### O culto cristão no século I d.C. e suas premissas

O culto cristão do primeiro século pode, basicamente, ser resumido ao texto canônico do livro dos Atos dos Apóstolos, em seu capítulo 2 e versículos 42 a 47, a saber:

---

<sup>3</sup> Antes de 313, os cristãos se reuniam nas catacumbas de Roma, onde, além de realizarem os cultos a Deus, também enterravam seus mortos. Ao final do período, os cristãos começaram a construir igrejas modeladas a partir da basílica romana. A basílica era uma construção retangular com um pórtico ou vestibulo na extremidade oeste, onde os catecúmenos cultuavam, um abside semicircular na parte leste, onde ficavam o altar e o trono do bispo, e uma longa nave central com galerias em ambos os lados. CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 103.

<sup>4</sup> CAIRNS, 2008, p. 105-106.

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos<sup>5</sup>.

Como observamos no texto acima destacado das Escrituras, não só o culto, mas como todo o modo de vida dos cristãos, era permeado pela fraternidade em grande amor e na simplicidade dos ensinamentos mais básicos de Jesus e seus apóstolos. Sendo assim, a comunhão relatada nos versículos 42, 44, 45, 46 e 47 é uma manifestação expressa do mandamento do Cristo de “amar-vos uns aos outros”, encontrado no Evangelho escrito por João, capítulo 13, versículos 34 e 35: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros<sup>6</sup>.”

Por isso é possível compreender a constatação citada por Lucas em Atos, “sendo estimados por todo o povo”. A priori a fidelidade e disposição dos cristãos primitivos nos ministérios da Palavra e do Ensino, levando a todos o conhecimento de Cristo Jesus, através de suas palavras e das palavras dos apóstolos. Logo, podemos afirmar que essa era uma das premissas da igreja.

Como percebemos, esse entendimento pode ser verificado no fato dos mesmos venderem suas propriedades e repartirem entre si, de realizarem conjuntamente as refeições e reunirem-se diariamente no pátio do Templo. Essa era a segunda premissa observada pelos primeiros irmãos.

Dentro do entendimento de “partir do pão” podemos realizar uma “transleitura” do trecho a fim de transportar o nosso entender ao fato da celebração da Ceia do Senhor, mandamento esse instituído por Jesus no ato de sua comemoração da *Pessach*<sup>7</sup> com seus discípulos, na noite da sexta para o sábado das celebrações.

Tal compreensão pode caracterizar um ato de manifestação da comunhão entre os irmãos, que de fato o é, mas no contexto da igreja primitiva, a fim de marcar esse relacionamento fraternal. Sendo assim, vemos os cristãos com interesses vigorosos de estarem juntos, em comunhão, todos os dias, ou sempre que possível, entendendo também que o ato da Ceia do Senhor não se resumia apenas num ritual de “partir” e “ingerir” pão e vinho, mas sim uma celebração eclesial, com refeições, danças, cânticos e muita alegria.

Nas palavras de Crossan e Reed, a ordem na ceia obedecia à seguinte sequência: “(1) Invocação e *partir* do pão (11. 23-24); (2) A Ceia (11. 25a); (3) Invocação e *participação* do cálice (11. 25b-26)”<sup>8</sup>. Assim, não se constituía apenas no partir do pão e na participação do cálice, mas

---

<sup>5</sup> BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>6</sup> BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>7</sup> A refeição sagrada mais conhecida dos judeus é, naturalmente, a da Festa da Páscoa. Ela também deveria ser celebrada com espírito festivo, e é possível que, além do cântico de salmos e da postura inclinada requerida à mesa, a orientação rabínica tardia de que na Páscoa fossem servidos quatro cálices de vinho preserva a natureza festiva da ocasião conforme celebrada no período do Segundo Templo. O local por excelência para celebração da Páscoa era Jerusalém, pelo menos enquanto o templo permaneceu de pé, mas havia outras oportunidades para que os judeus devotos expressassem sua fé em refeições comunitárias (p. ex., nas Luas Novas) sem que tivessem de ir a Jerusalém. Cf. HURTADO, Larry W. *As Origens da Adoração cristã: O caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 43.

<sup>8</sup> CROSSAN. REED, 2007, p. 308.

de um momento de congratulação entre os membros, de forma que os participantes desfrutavam de um banquete. Embora no ato de participar houvesse alegria e congratulação, os ricos usavam o momento para legitimar as diferenças sociais entre os presentes.

Tanto é assim, que podemos ver, em um relato disciplinar de Paulo, registrado em 1ª Coríntios 11.21-22, onde muitos apressadamente comiam excessivamente a ponto de faltar para os demais e até mesmo de embriagar-se. Ora, como pode alguém embriagar-se, fartar-se comendo apenas um pedaço ou mesmo uma unidade de pão, ou um pequeno cálice de vinho? Diante dessa indagação lançamos mãos do argumento de Martin sobre a participação dos membros no banquete: “Os membros mais ricos chegavam cedo e comiam e bebiam copiosamente antes da chegada dos membros mais pobres, que traziam uma quantidade menor de comida. Há quem afirme que os mais pobres tinham de se contentar com pão e pouca coisa mais, enquanto os ricos tinham carne e uma variedade de iguarias<sup>9</sup>.”

A comunhão era realmente um encontro para refeição e que se devia ser realizado, não com casualidade, mas com pensamentos e sentimentos voltados a última Ceia, a morte de Cristo – “*Fazei isto em memória de mim.*”.

Passando para a última premissa, os fiéis compartilhavam o hábito de estarem sempre realizando orações e preces. Portanto, o desejo de estar sempre em comunhão com o “divino” era um motor que fomentava os crentes permanecerem em oração. Esse é um valor muito forte na história da igreja, como também um mandamento apostólico e que era respeitado e praticado com afinco pelos membros iniciais da fé. Assim, podemos identificar como a base do culto cristão, como da prática de fé pré-bíblica esses três aspectos acima identificados: o ensino da Palavra, a comunhão e a oração.

### **As práticas instruções litúrgicas neotestamentárias**

Os cristãos dos grupos paulinos e, provavelmente, a maioria de outros grupos cristãos primitivos se reuniam em casas particulares. Em quatro lugares nas epístolas paulinas (1Co 16.19, Áquila e Prisca; Rm 16.5, Prisca e Áquila; Fm 2, Filemon; Cl 4.15, Ninfas) comunidades paulinas são designadas pela frase, conforme Meeks, *he kat' oikon ekklesia*, que pode ser traduzida como “a assembleia na casa de Fulano”<sup>10</sup>.

O termo *Ekklesia*, conforme o seu uso no grego, indica a reunião dos cidadãos para tratar de assuntos cívicos da cidade. No entanto, a palavra é utilizada na Septuaginta como referência regular a Israel como “congregação” do Senhor (Dt 23.2 e 1Cr 28.8). O termo designa o apelo para que a nação de Israel se reúna em algum ato de obediência. Porém, embora, o termo tivesse esse uso, os judeus, no período romano, preferiram usar *synagoge* ao usar *ekklesia*. Por isso, tudo indica que os cristãos primitivos adotaram propositalmente uma designação que os distingue, um termo que não era usado pelos judeus para designar as reuniões cúlticas<sup>11</sup>.

Assim sendo, coube ao Apóstolo Paulo difundir o evangelho aos gentios e podemos afirmar que, da mesma maneira que Moisés foi responsável para a confecção da “Carta Constitucional” e das “Leis Ordinárias” judaicas, igualmente, denominando a Lei de Deus para Israel, Paulo pode ser comparado, na formação doutrinária, teológica, litúrgica e organizacional da igreja, até os dias atuais.

---

<sup>9</sup> MARSHALL, I. H. Ceia do Senhor. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 212

<sup>10</sup> MEEKS, Wayne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 171.

<sup>11</sup> Cf. HURTADO, 2011, p. 72.

Em suas epístolas, Paulo propõe ações diretas direcionadas à igreja (ordenanças do apóstolo com a finalidade de promover uma equidade) e indiretas (sugerindo que determinadas ações ocorriam). Além disso, a escrita das epístolas faz parte da sua teologização, segundo Dunn, o apóstolo escreve mediante a necessidade de resolver infortúnios ocorridos na comunidade<sup>12</sup>.

Como exemplos de ações diretas, podemos ver Paulo normatizando o comportamento humano frente ao decoro no culto e a Ceia do Senhor na sua primeira carta aos crentes de Corinto (cap. 11)<sup>13</sup>. Na epístola aos Gálatas, vemos o combate ao estilo de culto e legalismo dos judaizantes. Em sua carta aos colossenses, Paulo foi mais enfático, manifestando-se contra o cerimonialismo, a santificação de alimentos e vestuários, adoração a anjos, a realização de festas religiosas e a obrigação gerada pela influência do ascetismo no culto, “engessando” e transformando experiências pessoais em regras de fé.

Dentre todas, as mais normativas com relação à conduta moral, conduta frente à igreja e exortação foram as epístolas pastorais<sup>14</sup> (1ª, 2ª Timóteo e Tito), com orientações aos presbíteros, aos bispos, aos maridos e esposas e demais membros eclesiais.

## Elementos litúrgicos

Os elementos litúrgicos referem-se às expressões comunitárias de louvor a Deus ou a Cristo que se desenvolveram de maneira fixa devido o uso constante e repetitivo no culto público das igrejas primitivas. No *corpus* paulino, os elementos litúrgicos mencionados são: confissões de fé, hinos, doxologias, bênçãos e aclamações de oração. Segue cada um desses listados:

*Confissões de fé* – No sentido moderno, chamado de credos. Embora nos primórdios da igreja não eram tão evidentes como em séculos mais tardios, no entanto, há a presença de fragmentos de declarações confessionais em todo o Novo Testamento. Nas epístolas paulinas, reconhece-se as confissões de fé através de formas introdutórias como “é por isso que se diz” (Ef 5,14), ou com a expressão grega *paralambano* que, conforme Louw-Nida, significa: “obter informações de alguém, ficando implícito que se trata do tipo de informação que é transmitida pela tradição”<sup>15</sup>.

Em geral, as confissões de fé neotestamentária relacionavam-se com a obra salvífica de Cristo (1Co 15,3) e seu senhorio (Rm 10, 9-10; 1Co 12,3). Possivelmente, a origem das confissões de fé se deu na intenção evangelizadora ou no desejo de defender o Evangelho frente às acusações. Eram usadas em momentos de culto público ou em cerimônia batismal<sup>16</sup>.

*Hinos* – Diversos lugares no Novo Testamento deixam claro o uso da música na prática cultiva devocional do cristianismo primitivo (p. ex., 1Co 14.26; Cl 3.16,17; Ef 5.18-20; Tg 5.14; At

---

<sup>12</sup> DUNN, James. *A Teologia do apóstolo Paulo*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 508.

<sup>13</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto: Um comentário exegético-teológico*. São Paulo: Sinodal, 2008.

<sup>14</sup> Não consenso entre os estudiosos sobre a autoria paulina das epístolas pastorais, conforme Ellis, F. C. Baur conclui que elas refletiam um contexto pós-paulino, outros seguindo Baur também caminharam na mesma direção negando a autoria paulina das cartas. No entanto, no século XX o ponto de vista pseudepigráfico foi enfraquecido por três motivos: o papel do secretário; a função dos co-signatários; e a presença de um número considerável de fragmentos não-paulinos pré-formados em quase todas as cartas paulinas. Assim, caminhando nessa perspectiva, estudiosos modernos têm dado maior valor a autoria paulina dessas cartas. Para mais informações: Cf. ELLIS, E. E. *Cartas Pastorais*. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 181-184.

<sup>15</sup> LOUW, Johannes. NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 293.

<sup>16</sup> WU, J. L. *Elementos litúrgicos*. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 444.



16.25). Já que cantar era uma prática das comunidades paulinas, a maioria dos cânticos constituíam-se em expressões espontâneas de louvor a Deus por indivíduos nos cultos públicos.

No *corpus* paulino, os hinos continham vários elementos confessionais relativos à obra salvífica de Cristo. Como podemos notar no Hino de Filipenses 2, 6-11, a pessoa de Cristo é destaque na narrativa e serve como exemplo prático para a comunidade de Filipos. Além de servir de declaração e ao senhorio de Cristo, o hino apresenta um contraste com o senhorio de César<sup>17</sup>. Assim, propositalmente os hinos foram planejados com funções apologéticas e evangelizadores.

Ademais, cumpre destacar alguns critérios apresentando por Stauffer para determinar a presença de formas hínicas no Novo Testamento.

1) Deslocação contextuais, como Colossenses 1.15-20, onde a “fluência” da prosa epistolar é interrompida, desse modo evidencia a presença de material citado. 2) Ocorrem terminologia e estilo visivelmente diferentes do escrito em prosa em contexto, que indicam a inserção de um período jubiloso no contexto (1Tm 3,16). 3) Um estilo antitético estabelece um contraste, quer em grande escala (Fl 2,6-11), quer em uma identificação soteriológica mais restrita (Rm 1,3-4) (...). 5) Condizente com o assunto, o vocabulário é excelente, cerimonioso, hierático e cheio de *hápax legomena*<sup>18</sup>.

Os critérios apresentado por Stauffer, podem auxiliar os leitores na identificação de material hínico no Novo Testamento e, portanto, lhes proporcionam compreender o texto corretamente.

Além da tentativa de determinar o material hínico, Martin propõe algumas subdivisões desses hinos: 1) Sacramentais – encontram seu uso *Sitz im Leben* em um ambiente de batismo no qual o novo convertido é chamado ao empenho moral e recebe a promessa de auxílio divino (Ef 2, 12-19; Ef 5,14). 2) Meditativas – é possível notar um padrão judaico tirado da sinagoga na qual Deus é bendito (Ef 1.3-14). 3) Confessionais – a expressão testemunhal dos fieis em tempo de privação (2Tm 2, 11-13). 4) Cristológicas – destaca a obra salvífica de Cristo e o seu senhorio (Fl 2.6-11; Cl 1,15-20)<sup>19</sup>.

*Doxologias* – É uma forma de discurso de oração cujo propósito principal é de louvar a Deus. No culto judaico era o elemento essencial e foi adotado pelas Igrejas primitivas para uso no culto público. Há, nas cartas paulinas, dois tipos: Uma é expressa pala formula: “Bendito seja Deus” (Rm 1,25; 9,5; 2Co 1,3-11; 11,31) e, a outra é expressa pala frase: “a ele a glória eternamente” (Rm 11, 33-36; 16, 26-27; Gl 1,5; Fl 4.20). Segundo Wu, “embora siga uma fórmula básica, seu conteúdo muitas vezes é expresso de maneira diferente, com o acréscimo de novas frases que ajudam a transmitir mensagens didáticas relacionadas diretamente com a situação dos leitores”<sup>20</sup>.

*Bênçãos* – Diz respeito à prática de proferir saudações iniciais e finais do apóstolo em suas cartas, nas quais ele indica sua preocupação piedosa pelos leitores. São afirmações, da parte de Paulo, a respeito da graça e da paz de Deus das quais os leitores já participam, além de orações para que apreciem e experimentem essas bênçãos mais plenamente.

---

<sup>17</sup> Para mais informações sobre o Hino cristológico de Filipenses cf. SANTO, Magno Lessa do Espírito. *Cristo como exemplo: O Hino Cristológico de Filipenses e suas implicações para a comunidade de Filipos*. São Paulo: Reflexão, 2018.

<sup>18</sup> MARTIN, R. P. Hinos, Fragmentos de Hinos, Cânticos, Cânticos Espirituais. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 630.

<sup>19</sup> MARTIN, R. P., 2008, p. 632.

<sup>20</sup> WU, J. L., 2008, p. 444.

Conforme O' Brien, as bênçãos iniciais permanecem basicamente imutáveis em todas as cartas. Apresenta a seguinte estrutura: faz-se a menção da “graça” e da “paz” que o apóstolo deseja que os leitores conheçam e apreciem mais plenamente. As bênçãos finais, por sua vez, têm uniformidade (Rm 16, 20.24; Gl 6, 18; Ef 6,24), essas bênçãos dão a carta uma conclusão definitiva e diz respeito aos votos finais da carta<sup>21</sup>.

*Aclamações de oração* – No *corpus* paulino destaca-se duas aclamações litúrgicas que costumam ser ligadas a orações à quais Paulo dá outras finalidades. São elas: “*Abbá Pai*” e “*Marana tá*”.

1) “*Abbá, Pai*” - na opinião de J. Jeremias, essa expressão era usada pelas crianças para se dirigirem aos pais. Jesus usou em todas as suas orações a Deus e mais tarde a apresentou aos seus discípulos. Para Jeremias, Jesus “falou com Deus como uma criança com o seu pai: cheio de confiança sentindo-se acolhido, e, ao mesmo tempo, respeitoso e pronto à obediência”<sup>22</sup>.

Nas cartas paulinas, a expressão ocorre duas vezes em contextos nos quais o apóstolo apresenta argumentos teológicos para a conduta cristã e para o Evangelho. Wu afirma que em Romanos 8 “*Abbá, Pai*” é mencionado como prova do relacionamento filial dos romanos para com Deus. Em Gálatas 4,6 a expressão é usada para renovar a confiança dos gálatas em seu relacionamento filial com Deus<sup>23</sup>.

2) A fórmula “*Marana tá*” aparece em Coríntios, em um contexto inteiramente litúrgico. Cullmann afirma que esta expressão significa “Senhor nosso, vem”! Assim, para esse autor, quando a igreja orava *Marana tá* “ela não lhe pedia meramente para que apressasse o dia de seu retorno final, mas lhe pedia também que aparecesse no meio dela, à sua mesa, como havia aparecido no domingo de páscoa, para consolá-la e assegurá-la de seu próximo regresso”. Com essa expressão, eles diziam ao mesmo tempo: “Senhor, vem no fim dos tempos para estabelecer teu reino!” e: “Vem já agora enquanto estamos aqui reunidos para a ceia!”<sup>24</sup>.

Diante disso, nota-se que desde seus primórdios o cristianismo primitivo elaborou confissões, hinos e aclamações que sintetizassem a crença dessas comunidades. A finalidade dos elementos litúrgicos no *corpus* paulino é exaltar a obra de Cristo e, por conseguinte, conclamar as comunidades a uma postura ética frente as dificuldades.

## Considerações finais

Diante dos fatos apresentados, podem-se fazer as seguintes constatações: o cristianismo primitivo buscou nos seus anos iniciais a elaboração de elementos com finalidade litúrgica como forma de expressar a fé das comunidades. Essas elaborações, trazem como ponto nevrálgico a pessoa e obra de Cristo, principalmente a crença na ação salvífica de sua morte.

Ademais, as comunidades viviam na expectativa da volta de Cristo para aquele tempo, levando-os a consciência de viver piedosamente, fato apresentado no capítulo 2 do livro de Atos. Os membros se dedicavam ao auxílio mútuo, ajudando os mais necessitados.

Quando eles se desviavam da comunhão e usavam o reunir-se para legitimar as diferenças sociais entre os membros, foram duramente repreendidos pelo apóstolo, que entendia a reunião cúltica do baquete da Ceia o momento oportuno aos membros trazerem a memória o sacrifício de

---

<sup>21</sup> O' BRIEN, P. T. Bênção, invocação, doxologia, ação de graças. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 159.

<sup>22</sup> JEREMIAS, J. Teologia do Novo Testamento. São Paulo, Hagnos, 2008, p. 121.

<sup>23</sup> WU, J. L., 2008, p. 446.

<sup>24</sup> CULLMANN, Oscar. Cristologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 278-279.



Cristo. Já que qualquer prática eucarística que caminha para uma celebração isolada ou que pretensiosamente a diminua como experiência compartilhada contradiria a ênfase de Paulo e se distancia da sua cristologia do corpo de Cristo.

Desse modo, a vida em comunidade da cristandade primitiva era marcada por desacordos e dissenções, mas embora esse seja um fato apresentado nas páginas do Novo Testamento, os cristãos neotestamentários buscaram encarnar o exemplo prático de Cristo. Já que, conforme o hino cristológico de Filipenses, lê-se o apelo ético, isto é, um apelo para uma vida em comunhão onde os membros visualizam em Cristo a entrega em prol do outro.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CROSSAN, John Dominic. REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- DUNN, James. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELLIS, E. E. Cartas Pastorais. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- HURTADO, Larry W. *As Origens da Adoração cristã: O caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Hagnos, 2008.
- LOUW, Johannes. NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MARSHALL, I. H. Ceia do Senhor. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- MARTIN, R. P. Hinos, Fragmentos de Hinos, Cânticos, Cânticos Espirituais. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- MEEKS, Wayne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/liturgia/>. Acesso em 05 de Outubro de 2018.
- O' BRIEN, P. T. Bênção, invocação, doxologia, ação de graças. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

SANTO, Magno Lessa do Espírito. *Cristo como exemplo: O Hino Cristológico de Filipenses e suas implicações para a comunidade de Filipos*. São Paulo: Reflexão, 2018.

WU, J. L. Elementos litúrgicos. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.